



01 a 04 de
OUTUBRO
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

A MUDANÇA TOPONÍMICA: LÍNGUA, CULTURA E HISTÓRIA QUILOMBOLA EM GOIÁS

TOPONYMIC CHANGE: QUILOMBOLA LANGUAGE, CULTURE AND HISTORY IN GOIÁS

Herika Giselle de Aquino e Silva Martins (UEG)¹

Kênia Mara de Freitas Siqueira (UEG)²

Resumo: Este estudo tem o objetivo de descrever os dois topônimos que designam ou já designaram o lugar quilombola Setor Alto Santana (Chupa Osso e Alto Santana), na cidade de Goiás, com o objetivo de relacionar os designativos do lugar a alguns aspectos históricos e culturais que permeiam os espaços quilombolas, para verificar que motivação subjaz ao primeiro nome e a motivação para mudança toponímica de um nome pejorativo para um nome mais condizente com a cultura dos moradores do setor. Trata-se de um breve estudo dentro da pesquisa sobre a toponímia do setor, pesquisa de caráter documental, com método toponomástico, em andamento. Este estudo parte da hipótese de que a nomeação tanto espontânea quanto a oficial, apresentam informações sobre história, cultura e sobre tradições quilombola inseridas no espaço urbano de Goiás. A mudança toponímica é tratada como um indicador de fatores sociais e históricos que fundamentam as bases culturais do povo quilombola. Inclusive expressos pela língua dos seus ancestrais. Espera-se que a pesquisa contribua para a compreensão da relação entre linguagem, espaço e memória em contextos de desigualdade social, lançando luz sobre a forma como a toponímia pode refletir movimentos culturais presentes ou já distanciados no passado.

Palavras-Chave: Topônimos. Memória. Tradições Quilombolas.

Abstract: The aim of this study is to describe the two place names that designate or have already designated the quilombola site Setor Alto Santana (Chupa Osso and Alto Santana), in the city of Goiás, with the aim of relating the place names to some of the historical and cultural aspects that permeate quilombola spaces, in order to verify the motivation behind the first name and the motivation for the toponymic change from a pejorative name to a name more in keeping with the culture of the sector's residents. This is a brief study as part of ongoing research into the toponymy of the sector, a documentary study using the toponymic method. This study is based on the hypothesis that both spontaneous and official names provide information about the history, culture and traditions of the quilombolas in the urban space of Goiás. Toponymic change is treated as an indicator of social and historical factors that underpin the cultural foundations of the Quilombola people. These are also expressed in the language of their ancestors. It is hoped that the research will contribute to

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, Cidade de Goiás-GO. herikaakino@gmail.com

² Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, Cidade de Goiás-GO.



understanding the relationship between language, space and memory in contexts of social inequality, shedding light on how toponymy can reflect cultural movements that are present or already distant in the past.

Keywords: Toponyms. Memory. Quilombola Traditions.

INTRODUÇÃO



Elaboração própria

É consensual nos estudos sobre topônimos, apresentar a origem do termo “toponímia” o qual se origina da junção de dois radicais gregos: *top(o)-*, derivado de *tópos*, que significa “lugar”, e *-onom(a)-*, derivado de *ónoma*, que significa “nome” (Cunha, 2010). Nos estudos linguísticos, a onomástica possui duas vertentes: a antroponímia e a toponímia, ambas “se referem a duas realidades importantes para os seres humanos: a necessidade de singularizar comum nome um lugar, ou como se costumar dizer, a uma entidade do espaço geográfico; e a de identificar os indivíduos das sociedades” (Fonseca, 2018, p. 11).

A toponímia, também denominada como toponomástica, corresponde ao campo de estudo em que se verifica as motivações subjacentes às designações dos lugares. Neste sentido, Dick (1990, p. 19) esclarece que a toponímia é uma “disciplina antiga, cuja significação começou a se delinear a partir do momento em que os núcleos humanos se distribuíram distintamente, em porções territoriais delimitadas, impondo-se a identificação das regiões que se iam ocupando”.

A importância dos estudos toponímicos é compreender no léxico toponímico os elementos que caracterizam as nomeações dos espaços. Para Fonseca (2018, p. 14), “nomear é uma tarefa



sistemática nas culturas, ou seja, é uma criação de uma cultura determinada”. Isquierdo dialoga com essa perspectiva ao observar que “o homem tem necessidade de nomear o espaço para delimitar o lugar onde habita.” Esse processo de nomeação é marcado por fatores socioculturais que influenciam as escolhas lexicais.

Consideradas tais definições, este estudo visa perpassar os caminhos dos estudos onomásticos e toponomásticos para descrever os dois topônimos que designam ou já designaram o lugar quilombola Setor Alto Santana SAS³ e Chupa Osso, localizado na cidade de Goiás, cujos moradores são remanescentes quilombolas.

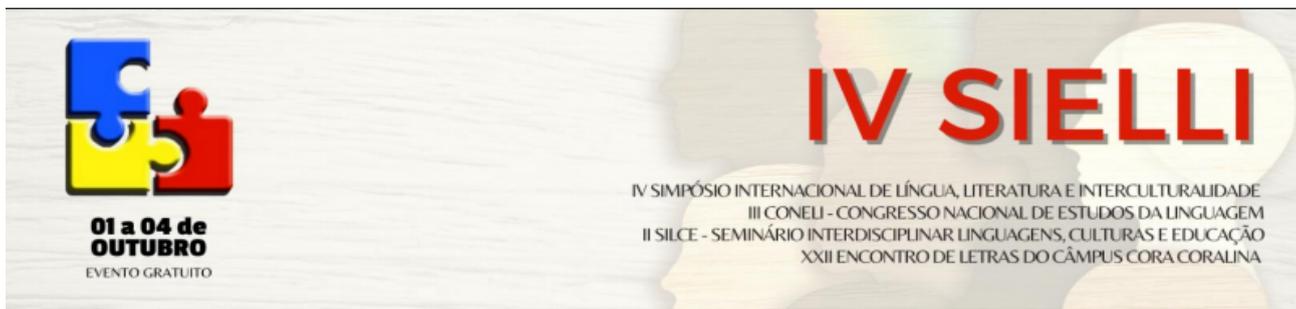
Deste modo, o objetivo proposto é identificar possíveis traços linguísticos que evidenciem significados ligados a momentos históricos de violência social, econômica e cultural sofridos pelos moradores da região. Trata-se de uma pesquisa sobre a toponímia do setor, de caráter documental, com método toponomástico (em andamento).

Para a verificação dos designativos, parte-se da hipótese de que a nomeação, tanto espontânea quanto oficial, apresenta informações sobre as motivações subjacentes ao primeiro nome e a mudança toponímica de uma designação pejorativa, para um nome condizente com a cultura da comunidade quilombola. A mudança toponímica é tratada como um indicador de fatores sociais e históricos que permeiam as bases culturais do povo quilombola, expressas provavelmente, pela língua dos seus ancestrais.

Dessa forma, pretende-se por meio da análise morfológica, sintática, semântica e etimológica dos designativos de lugar, verificar se os topônimos refletem uma herança de discriminação institucionalizada, evidenciada pela nomeação oficial de ruas, praças e outros logradouros. Os estudos toponomásticos partem de premissas multiculturais, para descrever e classificar os topônimos, assim é possível reconhecer indícios que podem desvelar marcas culturais, sociais e históricas entrelaçadas na nomeação do espaço.

Mattos e Silva (2006, p. 89) destacam que “a toponímia em comunidades tradicionais, como as quilombolas, guarda a memória da resistência, da luta pela terra e pela liberdade, e revela a força

³ A sigla SAS é utilizada para representar o Setor Alto Santana.



da cultura na construção da identidade do grupo”. Para comunidades quilombolas, o estudo da toponímia pode possibilitar a compreensão dos processos de resistência cultural e narrativas identitárias, e contribui para a construção e preservação da memória coletiva.

A análise etimológica dos topônimos, pode esclarecer o modo como a linguagem atua na preservação e no fortalecimento das identidades, na afirmação dos direitos e na expressão da relação com o território, ao revelar influências culturais e processos de dominação e resistência. Dick (1990, p. 43) ressalta que “os topônimos são instrumentos valiosos para compreender a história e a cultura de um povo, pois refletem as relações estabelecidas entre a comunidade e o espaço que ocupa”.

Silva (2008, p. 154) corrobora essa perspectiva ao afirmar que “os topônimos em contextos quilombolas são marcas de identidade e resistência, que desafiam as narrativas oficiais e reafirmam o direito à terra e à memória”. Os estudos toponomásticos podem elucidar a construção desses espaços e as interseções entre língua, espaço e cultura, além de integrar “um processo relacionado de motivação onde, muitas vezes se torna possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área por ele designada” (Dick, 1980, p. 7).

Dessa maneira, este artigo se propõe a analisar os topônimos do SAS, para compreender como a linguagem reflete a história, a cultura e a identidade da comunidade quilombola em questão. Para atingir esse objetivo, o artigo está organizado em três seções principais: a primeira analisa o léxico presente nos topônimos, e demonstra como a linguagem reflete a história, a cultura e a identidade da comunidade quilombola; a segunda aborda a toponímia em si, com ênfase nos processos de nomeação, nas influências culturais e na relação entre os nomes de lugares e a memória coletiva; e a terceira se concentra na comunidade quilombola SAS, e apresenta as especificidades da relação entre a comunidade e seus topônimos.

O LÉXICO

O léxico de uma língua comporta não apenas o acervo vocabular, mas também as experiências, crenças e valores de uma comunidade, funcionando como um espelho da identidade coletiva. Para Biderman (1998, p. 138), “o léxico pode ser considerado como um tesouro vocabular



de uma língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso, o léxico é o menos linguístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se situa entre o linguístico e o extralinguístico”.

No contexto SAS, os topônimos “Chupa Osso” e “Alto Santana” são mais que meros identificadores geográficos; são representações de um passado marcado por discriminação e de um esforço de ressignificação cultural. Biderman (1998, p. 585) afirma que “o léxico abarca o universo conceitual de uma língua e reflete a experiência acumulada e o acervo cultural de uma sociedade ao longo do tempo”. Os topônimos, enquanto unidades lexicais, não apenas identificam geograficamente os lugares, mas também cristalizam significados históricos, sociais e culturais.

A análise da toponímia do SAS, um setor cujos moradores são de remanescentes quilombolas, apresenta traços de resistência cultural e discriminação institucionalizada, conforme aponta Maria das Graças Siqueira Campos (Dona Chica) em uma entrevista⁴, os nomes presentes nas placas das ruas e becos reforçaram uma herança de discriminação histórica, com topônimos que perpetuam memórias de opressão social. Almeida (2008, p. 102) destaca que, “as comunidades negras rurais e quilombolas enfrentaram ao longo dos séculos inúmeros processos de deslocamento forçado, lutando pela preservação de seus territórios e identidades culturais”.

O léxico de uma comunidade quilombola, como a do SAS, pode destacar marcas de interações linguísticas e culturais, em que elementos afrodescendentes e indígenas convivem com influências coloniais. Segundo Isquerdo (2001, p. 91), “o estudo do léxico regional pode revelar vestígios históricos do modo de vida e da visão de mundo de um grupo”.

Assim, o estudo do léxico na toponímia do SAS não apenas desvela aspectos linguísticos, mas também pode contribuir para a compreensão de como os moradores utilizam a linguagem para resistir à exclusão e afirmar sua identidade. Fernandes (2005, p. 62) ressalta que, “a análise dos topônimos permite compreender não apenas o uso do território ao longo do tempo, mas também as

⁴ Disponível em:

<https://projetocolabora.com.br/ods11/turismo-comunitario-e-a-grande-aposta-de-quilombo-da-cidade-de-goias-2/>

Acesso em: 10 de fev. 2025.



interações culturais e transformações que ocorreram”. Os topônimos, nesse contexto, são “testemunhos permanentes da interação entre o homem e seu meio” (Dick, 1990, p. 45).

Nesse sentido, a toponímia do SAS reflete a complexa história da comunidade quilombola, que lida com influências africanas, indígenas e coloniais. Essas influências consolidam uma linguagem que resiste a imposições externas, preservando traços culturais específicos e reforçando a ideia de que o léxico toponímico contribui diretamente para a construção de uma identidade coletiva (Almeida, 2008, p. 32).

Dessa forma, isso pode trazer algum elemento da toponímia necessário à construção e à preservação da identidade de grupos sociais, especialmente daqueles que enfrentam algum processo de violência social, já que estudar a toponímia de um lugar possibilita identificar, além dos traços linguísticos, as motivações culturais e sociais subjacentes ao ato de nomear lugares.

A substituição de nomes, como “Chupa Osso”, por termos mais condizentes com a realidade da comunidade, como “Alto Santana”, é uma demonstração desse esforço coletivo de valorização identitária (Isquierdo, 2001, p. 91). Essa análise revela camadas sobrepostas de significados, desde o período colonial até os dias atuais, e reflete tanto a imposição de identidades externas quanto a resiliência da comunidade em resignificar os espaços que habitam.

O estudo da toponímia do SAS sob o viés lexical, ultrapassa uma análise puramente linguística, ao oferecer uma visão das dinâmicas culturais e sociais que marcam a trajetória da comunidade. O léxico toponímico, nesse contexto, funciona como uma lente através da qual se observam as relações entre linguagem e espaço. Ele “preserva memórias de resistência, configura-se como um recurso para a afirmação identitária da comunidade, ao mesmo tempo que resgata e fortalece as tradições locais” (Mattos e Silva, 2006, p. 89).

ESTUDOS TOPONOMÁSTICOS

Os estudos toponomásticos ao analisarem os nomes dos lugares, revelam-se como mecanismos para a preservação e compreensão dos aspectos culturais, históricos e sociais de uma comunidade. Conforme Silva e Siqueira (2016, p. 59), “a linguagem vai além de um meio de comunicação; é um marcador de identidade e uma expressão de resistência cultural”.



Em contextos quilombolas, como o SAS, essa perspectiva torna-se essencial, pois a nomeação de lugares não apenas reflete a ocupação geográfica, mas também evidencia processos de marginalização e resistência que integram a identidade quilombola e sua luta pela preservação territorial.

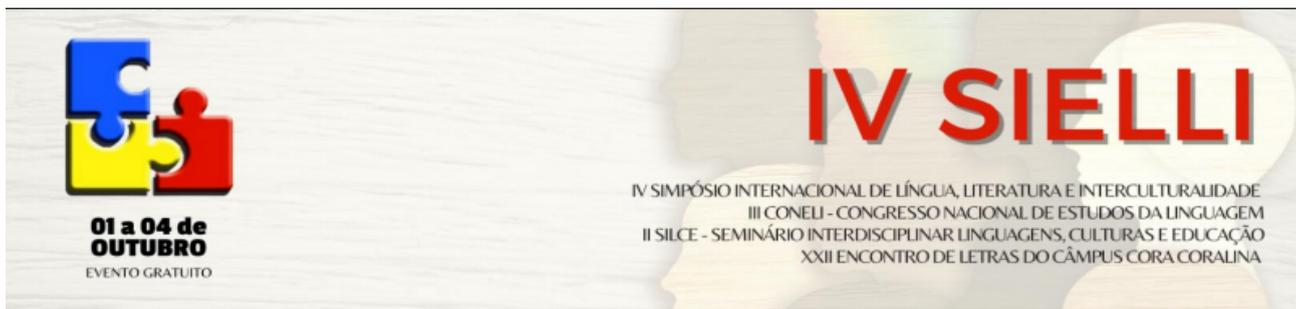
A abordagem metodológica adotada neste estudo, emprega a análise onomasiológica, uma perspectiva que se dedica à identificação e interpretação dos significados culturais e históricos dos topônimos. Assim, a análise onomasiológica não se limita ao significado literal dos topônimos; ela explora as camadas de sentido que refletem a percepção coletiva sobre a paisagem e a história de um grupo.

Os estudos toponomásticos, em seu caráter interdisciplinar, estabelecem uma conexão entre a linguística, a história e a geografia, que possibilita a compreensão das interações entre linguagem, identidade cultural e espaço físico. Essas interações revelam-se particularmente significativas em comunidades quilombolas, onde o ato de nomear está profundamente ligado à resistência cultural e à luta por espaço e reconhecimento.

Como observa Mattos e Silva (2006, p. 89), “a toponímia em comunidades tradicionais guarda a memória da resistência, da luta pela terra e pela liberdade, e revela a força da cultura na construção da identidade do grupo”. Conduzida por uma análise qualitativa e interpretativa, este estudo busca correlacionar os primeiros nomes dos lugares com suas novas designações, como a mudança toponímica reflete uma tentativa de resgatar a dignidade cultural.

Essa substituição é uma forma de imposição cultural, frequentemente empregada por forças coloniais para apagar a memória e os símbolos de uma comunidade local. Nesse sentido, Almeida (2008, p. 32) destaca que “a substituição de topônimos indígenas e africanos por nomes coloniais reflete uma tentativa de imposição de novas identidades e valores, apagando, simbolicamente, as culturas originárias”.

A pesquisa também recorre aos pressupostos teóricos de autores como Dick (1990) e Isquerdo (1997), que discutem a importância dos estudos onomásticos para a interpretação dos vínculos históricos e culturais presentes na toponímia brasileira. Isquerdo (1997, p. 361) argumenta que os topônimos “preservam camadas de significados que ultrapassam a simples função de



designar locais”, proporcionando uma compreensão mais ampla das relações entre os grupos sociais e seus territórios. Dick (1990, p. 21) complementa ao afirmar que “os topônimos registram não apenas a geografia, mas as transformações culturais, sociais e políticas que ocorrem ao longo do tempo”.

Nesse sentido, a análise toponomástica do SAS permite evidenciar a luta pela afirmação de uma identidade própria, que resiste aos processos de apagamento histórico. Em muitos casos, topônimos de origem quilombola, indígena ou africana sobrevivem como vestígios da presença e da resistência de grupos marginalizados. Esses nomes atuam como “marcadores da memória coletiva”, sendo símbolos de pertencimento e continuidade cultural (Nora, 1989, p. 7).

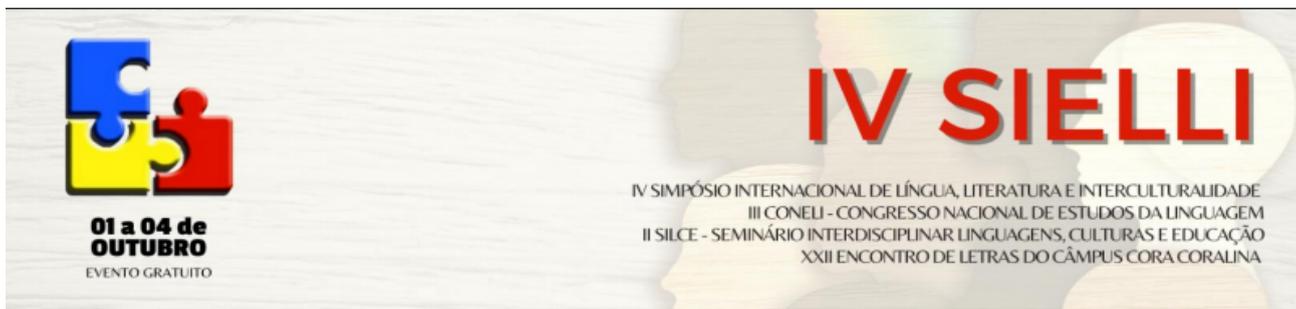
A manutenção de topônimos originais e a substituição de nomes pejorativos por termos que resgatem a dignidade e o respeito pela cultura local são reflexos dessa luta pela valorização identitária e pela preservação de um patrimônio imaterial que integra a história e a identidade da comunidade quilombola. Além de preservar a memória cultural, a abordagem toponomástica adotada neste estudo traz à tona os padrões linguísticos e sociais que refletem as relações de poder, dominação e resistência.

Assim, os estudos toponomásticos revelam-se como um caminho para a compreensão das interações entre linguagem, cultura e identidade, em especial para grupos que enfrentam marginalização histórica. A substituição de nomes depreciativos, como “Chupa Osso”, por termos que valorizam a cultura local, como “Alto Santana”, não é meramente uma troca lexical, mas uma ressignificação do espaço e um ato de resistência simbólica.

Dessa forma, o estudo toponomástico se consolida como um meio de explorar a memória cultural e histórica dos povos quilombolas, ao mesmo tempo que oferece uma interpretação crítica das práticas de nomeação como instrumentos de resistência e de preservação da identidade coletiva.

A COMUNIDADE QUILOMBOLA DO SETOR ALTO SANTANA

A comunidade quilombola do SAS, localizada na cidade de Goiás, representa um espaço de resistência cultural e preservação identitária que remonta a séculos de história. Reconhecido



oficialmente como território quilombola, o SAS é formado por remanescentes de escravos e por descendentes que mantêm vivas as tradições, os valores e a memória coletiva de seus antepassados.

Para os remanescentes, a luta pela manutenção do território e das suas práticas culturais é intrinsecamente ligada à nomeação dos lugares que compõem o SAS. Essa relação entre a comunidade e seus topônimos é essencial, pois reflete tanto a resistência à dominação externa quanto a afirmação de uma identidade singular e histórica.

Os topônimos do SAS, como “Chupa Osso” e “Alto Santana”, carregam significados que transcendem a mera função de identificação geográfica, evidenciando camadas de significação cultural e histórica. O somatônimo “Chupa Osso”, por exemplo, foi por muito tempo associado a conotações depreciativas, uma marca da herança colonial que subjugou e estigmatizou comunidades negras e quilombolas.

Conforme argumenta Almeida (2008, p. 32), "a toponímia, ao trazer nomes depreciativos ou ligados à violência histórica, perpetua memórias de exclusão e discriminação". A mudança para “Alto Santana” é um ato simbólico de ressignificação, uma tentativa de recuperar a dignidade cultural do local e de reverter o estigma histórico que o nome anterior impunha.

A relação entre a comunidade quilombola e seus topônimos, portanto, é marcada pelo desejo de preservação da memória ancestral, ao mesmo tempo em que busca resistir às tentativas de apagamento cultural. Como observa Dick (1990, p. 43), “os topônimos em contextos de resistência atuam como instrumentos de memória coletiva, preservando eventos históricos e lutas sociais”.

Nesse contexto, os topônimos têm uma função essencial: são portadores de uma memória coletiva que registra a trajetória de resistência da comunidade. Em ambientes quilombolas, como aponta Mattos e Silva (2006, p. 89), "a toponímia guarda a memória das lutas pela terra e pela liberdade, revelando as dinâmicas de resistência e a força cultural da identidade do grupo".

Além de preservar a identidade da comunidade, os topônimos do SAS também ajudam a fortalecer laços internos e a promover uma coesão social que reafirma a relevância do território para seus habitantes. A substituição de “Chupa Osso” por “Alto Santana” é vista pelos membros da comunidade como uma conquista simbólica contra o racismo e a opressão que marcaram a história de seus antepassados. Isquierdo (1997, p. 361) destaca que “a nomeação é um ato de apropriação



simbólica do espaço”, o que, no caso do SAS, significa que a comunidade reafirma sua presença e sua identidade ao rebatizar o território com um nome que honra suas tradições e valores.

Essa ressignificação toponímica não se restringe a um ato de mudança nominal; é também uma forma de resistência contra a tentativa histórica de apagar ou marginalizar a cultura quilombola. Para a comunidade do SAS, os topônimos são expressões de resistência e de resiliência, encapsulando a continuidade cultural e o legado de luta pela preservação de seus direitos.

Como explica Nora (1989, p. 7), "os lugares são marcadores da memória coletiva, conectando o presente ao passado". Nesse sentido, a toponímia do SAS não apenas rememora o passado de violência e exclusão, mas também celebra a capacidade da comunidade de reconfigurar seu espaço simbólico, imprimindo nele uma marca identitária que reforça a importância de suas raízes.

O estudo da relação entre o SAS e seus topônimos oferece uma janela para compreender as dinâmicas de poder e resistência que moldaram e ainda moldam o território. A linguagem, ao nomear o espaço, revela uma apropriação cultural que resiste às forças externas e reivindica um pertencimento ao território.

Esse pertencimento, entretanto, não se restringe ao aspecto físico do espaço; ele também implica um vínculo emocional e espiritual com as gerações passadas, conforme Silva (2008, p. 154) afirma que “os topônimos em contextos quilombolas reafirmam o direito à terra e à memória, sendo marcas de identidade que desafiam as narrativas oficiais”.

Assim, a relação entre a comunidade quilombola do SAS e seus topônimos vai além da geografia, integrando-se à identidade coletiva e à memória social. Esse vínculo revela que, para o povo quilombola, a luta por dignidade e reconhecimento não é apenas uma questão de sobrevivência física, mas também uma batalha por um legado cultural que assegura a continuidade de uma história e de uma identidade que resistem ao tempo e ao espaço.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da toponímia no contexto quilombola do Setor Alto Santana revela como os nomes de lugares ultrapassam a mera função de identificação geográfica e se tornam importantes marcos de resistência cultural, memória coletiva e afirmação identitária. A transformação do nome “Chupa Osso” para “Alto Santana” exemplifica um movimento de ressignificação cultural, no qual a comunidade local reivindica seu direito ao território e sua dignidade histórica, resistindo ao estigma de um passado marcado pela discriminação e marginalização.

Esse estudo busca demonstrar que os topônimos, enquanto elementos lexicais, refletem não apenas a história de ocupação de um espaço, mas também as interações complexas entre a cultura, a linguagem e a identidade da comunidade. Em um contexto de opressão histórica, como o enfrentado por comunidades quilombolas, a preservação e a escolha dos nomes dos lugares se mostram como formas de resistência contra o apagamento cultural imposto por forças coloniais e hegemônicas.

Ao aplicar uma abordagem onomasiológica e toponomástica, o estudo possibilita a compreensão das motivações culturais e históricas que orientam a escolha dos nomes na comunidade do SAS, ao expor as camadas de significação que estão enraizadas nesses topônimos. A análise qualitativa da mudança toponímica indica, ainda, que os topônimos refletem a percepção coletiva sobre a paisagem e constituem uma ferramenta de resistência simbólica, ao reafirmar a identidade quilombola em meio a um cenário de desigualdade social. Nesse sentido, o SAS exemplifica como a toponímia pode fortalecer laços comunitários e perpetuar uma memória coletiva, ao estabelecer conexões entre o presente ao passado.

O estudo toponomástico do SAS pode contribuir não apenas para as pesquisas linguísticas e culturais, mas também para a preservação e o reconhecimento das tradições quilombolas e das identidades marginalizadas. Ao valorizar os nomes que ecoam a história e a cultura de uma comunidade, esse trabalho reforça a importância da toponímia na manutenção de uma identidade própria e no fortalecimento das narrativas dos grupos que continuam a lutar por visibilidade e por reconhecimento de sua cultura e de seu território.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Carlos. **Topônimos e memória cultural: uma análise crítica.** São Paulo: Unesp, 2008.

BIDERMAN, Maria Thereza. **O Léxico: estrutura, função e história.** Campinas: Unicamp, 1998.

CUNHA, Geraldo Antônio. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxonômicos.** 1980. 355 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e Antroponímia no Brasil: uma introdução.** São Paulo: Vértice, 1990.

FERNANDES, Francisco. **A importância dos topônimos na construção da memória coletiva.** São Paulo: Loyola, 2005.

FONSECA, G. S. Prefácio. In: AGUIAR, M. S.; CASTRO, M. C. D.; DIAS, A. L. C. (Org.). **Onomástica e a Identidade do homem.** Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2018.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **O Léxico e a construção da identidade cultural.** Porto Alegre: Penso, 1997.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Toponímia Brasileira: uma leitura histórico-cultural.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire.** Paris: Gallimard, 1989.

SANTOS, Rafael F. dos. **Toponímia, Memória e Identidade: um estudo de caso do quilombo Kalunga.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SANTOS, Vanessa M. dos. **Toponímia e Poder Simbólico: um estudo da nomeação de lugares em Pernambuco.** Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.